

Lendo Xue Xinran: protagonismo, estruturas sociais e contradições nas contribuições de uma autora chinesa para as humanidades

Reading Xue Xinran: protagonism, social structures and contradictions in the contributions of a Chinese author to the humanities

Daniel da Silva Klein

Graduado em História e mestre em Letras pela Universidade Federal do Acre, onde é docente da cadeira de Estudos em História desde 2009. Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo.

Resumo: O artigo elabora uma leitura de obras selecionadas da pensadora chinesa Xue Xinran, defendendo a tese de que ela contribui para as humanidades ao propor escritas cujo seu personalismo se torna participante. Objetiva-se, portanto, evidenciar como essas, por sua vez, estão conectadas com uma corrente de autores cuja diversidade é uma característica na busca pela quebra de barreiras nas áreas do saber vinculadas com as humanidades, ampliando questões de método de pesquisa e escrita. Os textos da autora foram articulados em três grandes temas: como sugerem métodos de pesquisa para as ciências humanas; de que maneira lidam com as relações das estruturas sociais chinesas; quais são as contradições a respeito de parâmetros ético-morais sobre a política de filho único naquele país asiático. Todo o levantamento aqui compilado foi baseado em pesquisa bibliográfica especializada.

Palavras-chave: Humanidades; autores; métodos; escrita.

Abstract: The article elaborates a reading of selected works by the Chinese thinker Xue Xinran, defending the thesis that she contributes to the humanities by proposing writings whose personalism becomes a participant. Therefore, the objective is to show how these, in turn, are connected with a chain of authors whose diversity is a characteristic in the search for breaking barriers in the areas of knowledge linked to the humanities, expanding questions of research and writing method. The author's texts were articulated in three major themes: how research methods for the humanities suggest; how they deal with the relations of Chinese social structures; what are the contradictions regarding ethical-moral parameters on the one-child policy in that Asian country. The entire survey compiled here was based on specialized bibliographic research.

Keywords: Humanities; authors; methods; writing.

Introdução

A escritora chinesa Xue Xinran está introduzida em um conjunto diverso, complexo e disperso de autores que questionam direta ou indiretamente o jornalismo, as ciências humanas e a literatura com uma escrita personalista e intimista. Essa, porém, levanta problemas acerca

dos métodos de abordagem textual nessas áreas dos saberes, adotando contradições interpretativas e fortalecendo debates contextuais que se orientam justamente por essa perspectiva individualista de trabalho, trazendo relações próximas com o outro, geralmente entrevistados, que emergem como protagonistas das análises promovidas.

Seguindo esses parâmetros, o artigo espera ampliar os estudos sobre a historiografia contemporânea e autores afins, dialogando com certa distância e estranhamento com os trabalhos já publicados no Brasil sobre Xinran. Desses, o primeiro é de 2007, da autoria de Carla Franco, que estuda *Enterro Celestial*. Segundo diz, a obra provém o leitor curioso uma oportunidade de mergulho no Tibete através das falas de Shu Wen, uma mulher cuja aparência era “inegavelmente tibetana”. O artigo termina dizendo que Xinran basicamente “traz ao nosso alcance um tesouro multicultural, apresentando detalhes fascinantes, em especial, da cultura tibetana e do budismo” (FRANCO, 2007, p. 116; 119;).

Jéssica Sayuri Kanno, em 2010, percebeu que durante muitos anos as sociedades orientais não demonstravam seus problemas sociais, externando somente aspectos positivos de suas culturas. Referia-se ao caso da China, que saiu de uma longa era de dominância estrangeira e logo mergulhou no regime de Mao Tse-Tung, o que faz da voz de Xinran um dos casos de rebelião contra esses dogmas. Entende que o livro *As boas mulheres da China* demonstra como as promessas de igualdade e liberdade, prometidas pela revolução, não atingiram todas as chinesas, mas apenas uma parcela favorecida desse grupo (KANNO, 2010, pp. 1-3)

Outro desses estudos foi elaborado por Ramon Freitas, que visava saber se a revista *Época* e Xinran compartilhavam da mesma opinião a respeito da China e saiu em 2012. Entendeu, por fim, que o noticioso não se preocupou em apresentar novas percepções a respeito do país asiático, que limitou-se aos jargões defasados de ‘colossal’ e ‘agressivo’ (FREITAS, 2012, p. 11).

Na monografia de graduação de Vanda Galvão, ainda em 2012, nos deparamos com um levantamento similar, mas que entendia os pontos de encontro da autora com a *Veja* no que diz respeito ao anti-comunismo. Segundo constatou, percebeu que o semanário reforça o discurso anticomunista, cultural, econômico e democrático. Em relação a Xinran, “reforça o discurso cultural e evoca também: o anti-revolucionário, anticomunista, poético, social, anti-islâmico, feminista, capitalista, educacional, e político militante” (GALVÃO, 2012, p. 57).

O que propomos aqui é justamente fugir do exotismo curioso, das classificações pejorativas de oriente grandioso ou da compreensão de uma autora como alguém imbuída da luta partidária. Xinran será lida em suas nuances, dilemas e possibilidades sempre em confronto com outros autores, de áreas do saber das mais diversas humanidades e desrespeitando certos limites de fronteiras.

A mais óbvia é aquela existente entre jornalismo, história, ciências humanas e literatura, assim dividimos os períodos em questões de método no que diz respeito às pesquisas, escritas e como Xinran pode ser entendida dentro de um todo maior de investigações sobre o protagonismo da autoria. Adiante pensamos a maneira como ela lida com os contextos mutantes chineses, etapa em que aflora ainda mais sua relação com a historiografia por lidar com estruturas sociais

determinantes, por fim, como adota certas contradições de análise, que longe de prejudicar seus textos, colocam a questão dessa autoria ainda mais em evidência.

Métodos e abordagens

A escrita de Xinran é um enfrentamento no mundo do jornalismo e, por extensão, das ciências humanas como um todo, porque é dominada por ela própria. Sua voz é a de uma narradora em primeira pessoa, que explica e fala pelos outros que traz nas histórias, ou seja, as introduções de outros indivíduos falando é feita quando ela procura explicar um determinado contexto, adaptando as narrativas dentro dessa lógica. Nesse sentido, sua perspectiva é permeada pelo tom pessoal e intimista, como está dito no objetivo que tinha se proposto para o *Testemunhas da China*

Mas eu sabia que devia prosseguir: não apenas para ter um registro pessoal do trabalho que havia feito nos últimos vinte anos, mas também pela juventude chinesa de hoje, e especialmente Panpan, meu filho e minha inspiração – um jovem que cresceu entre a Inglaterra e a China. Aquele projeto era um risco que eu estava disposta a correr para ajudá-lo a compreender o que ele já conhecia do passado chinês (XINRAN, 2009, p. 22).

A obra se destinava a recolher depoimentos de pessoas nascidas na China antes da década de 1980, para que seus depoimentos fossem analisados em prol de uma educação histórica dos jovens daquele país sobre suas formações contextuais contemporâneas. Dito dessa forma, o objetivo se transforma em um objeto acadêmico, desprovido de vida que a autora lhe confere, já que coloca isso nos seus termos íntimos de participe no recolhimento dos depoimentos, uma empreitada sua. Além disso, todo esse material visa ajudar na formação de seu filho, guia para que faça um levantamento adequado sobre o passado daquele país.

Xinran deixa de ser uma intermediária entre uma dada notícia e o leitor, assumindo ela o papel total de protagonismo na escolha das notícias e de como são contadas. Com essa técnica, procura se aproximar do leitor trazendo-o o mais próximo possível do contexto exposto, elevando assim o patamar de intimidade para uma corresponsabilidade. Em *Mensagem de uma mãe chinesa desconhecida* ela revisita esse ponto, porque chega a pedir ajuda de quem lê para passar uma mensagem a sua filha.

Essa mensagem é solicitada após contar que, por alguns dias, adotou uma bebê recém nascida. Deu o nome de Floco de Neve a pequenina, com quem chegou a dividir sua casa, mas sem recursos e temendo o sistema legal chinês, a levou para um hospital. A visitava, escondida, “sem ousar dizer a ninguém” onde ia enquanto procurava formas de adotá-la legalmente. Um dia soube da transferência de sua filha para um orfanato, em lugar desconhecido, e a procurou agonizantemente até que achou. A encontrou magra, pálida e tristonha.

Chorava copiosamente com sua filha nos braços e procurou saber da enfermeira, autointitulada Mamãe Tang porque as crianças estavam daquele jeito. Soube que o orfanato estava

sem recursos e manter as crianças vivas era o mínimo possível naquelas condições. Mas, num dia de folga, foi visitar a menina com seu filho Panpan, mas “no pequeno orfanato só restavam os novos berços – todos eles vazios”.

As cenas que seguem são narradas com um desespero que transpassa as linhas do texto e trazem o leitor para junto da autora, os aproximando e fortalecendo os laços de união entre ambos. Xinran busca sua filha desenfreadamente, encontra Mamãe Tang que não sabe nada sobre o paradeiro das crianças e seus esforços são em vão. Jamais soube de sua filha, encontrou histórias de meninas chinesas adotadas por estrangeiros e, morando na Inglaterra, abriu uma instituição que auxilia essas moças. No final da narrativa deixa a mensagem para que alguém passe para sua bebezinha (ou que ela mesma leia): “Floco de Neve, minha filha, onde quer que você esteja, sua mãe sente saudades de você!” (XINRAN, 2011, pp. 2014-221).

A busca por uma intimidade com o leitor anônimo tem essa conotação afetiva, que promove uma corresponsabilidade na divulgação do apelo para que Floco de Neve seja encontrada. A experiência jornalística de Xinran é, ao mesmo tempo, uma novidade pouco analisada e estranha. Apesar da escrita em primeira pessoa, com essa ênfase no protagonismo do autor estar se tornando algo mais ou menos geral no meio jornalístico, os poucos textos que abordam o tema são curtos e superficiais (CASTILHO, 2005).

Os que se dedicam ao tema, ao que tudo indica, são autores que representam uma novidade acadêmica. Um jornalista em início de carreira se interessou pelo tema recentemente no Brasil, Igor Lage, investigador de Svetlana Aleksievitch, que em breve aparecerá aqui. Ele nos informa que os paradigmas do jornalismo estão ruindo com os das ciências como um todo, que devem lidar com outros conhecimentos. Segundo questiona, o estado “de crise do paradigma científico moderno é exposto, portanto, pela proliferação dos híbridos, que trafegam entre as muralhas limítrofes das classificações cartesianas”, onde aquele jornalismo neutro, positivo, de repassador da mensagem puramente noticiada já não são mais aceitos acriticamente (LAGE, 2018, p. 272). Assim sendo,

Nesse processo, dentre vários fenômenos emergentes, o que mais nos chama a atenção é a hipótese do crescimento das narrativas jornalísticas em primeira pessoa, que, por meio de relatos de experiência e subjetividade, rompem com princípios caros ao jornalismo ‘tradicional’, como a objetividade, a imparcialidade e o distanciamento. São narrativas em que o repórter não se coloca como um observador afastado livre de emoções, mas sim como uma espécie de narrador-personagem, que constrói o seu relato em proximidade com o objeto, embebendo-se da cena, projetando no relato suas impressões, opiniões e afetos, sem se deixar ser obstruído pelo método de redação convencional da área (LAGE, 2018, p. 274).

A passagem é longa, mas instrutiva e necessária, tendo em vista que tematiza e analisa indiretamente a escrita de Xinran, que com seu personalismo participante, que promove um intimismo e uma corresponsabilidade com o leitor, é um enfrentamento. Um experimento de escritura que é uma problematização nos paradigmas tradicionais do jornalismo, cindindo os espaços de neutralidade para se repassar uma notícia. Se, por um lado, esse formato de escrita é

uma crítica que ainda causa espanto, por outro ela não é uma novidade nem no campo da literatura, jornalismo ou da historiografia, tendo em vista que há, pelo menos, mais de seis décadas vem sendo trabalhada.

Um dos expoentes desses moldes de escrita, que articula a voz do autor com a dos interlocutores é do bielorrusso Aliés Adamóvitch, que inaugurou uma longa escola em 1960 com seu *Partisans*. Onze anos depois aparece o seu *Khatyn*, que é um produto disso que Lage explica a respeito do tráfego entre as muralhas limítrofes, porque é elaborado como uma narrativa literária, mas que utiliza de documentos historiográficos para expor a verdade do que é narrado, alia introduções de falas do narrador-autor, de entrevistas e transcrições das fontes. Esse é, então, um verdadeiro experimento desses livros híbridos, que não se preocupam com delimitações arcaicas.

Para fins de registro, Adamóvich estuda o massacre na cidade de Khatyn, localizada perto de Minsk, ao norte, na Bielorrússia em 1943, que é completamente diferente daquele ocorrido contra oficiais poloneses na floresta de Katyn, em Oblast Smolensk, Rússia, em 1940. Então, logo nas primeiras linhas a obra em tela já abraça esse hibridismo ao expor que na Bielorrússia mais de nove mil vilarejos foram destruídos na Segunda Guerra Mundial, citando para tanto uma cópia direta das palavras de um documento de época. Adiante, o desenvolvimento começa à moda literária tradicional, mas as falas dos outros, são colocadas entre aspas, indicando que foram literalmente transcritas. Trata-se de um objetivo parcialmente alcançado de preservar ao máximo as falas de pessoas comuns, ou seja, mantendo a originalidade das informações que fornecem (ADAMÓVICH, 2012).

Já em *Eu venho de uma vila em chamas*, lançado originalmente em 1977 com Yanka Bryl e Uladzimir Kalesnik, o foco é um tanto quanto diferenciado porque se refere a um conjunto de entrevistas organizadas em capítulos temáticos, tratando das violências nazistas no leste europeu. Em breves passagens são introduzidas as perguntas que os autores fizeram (ADAMÓVICH; BRYL; KALESNIK, 1980). Há, portanto, um conjunto de experiências promovidas por esse autor, muitas vezes em conjunto com outros, que trilham o caminho dessas escritas híbridas. Além disso, ele extrapola inclusive os meios de divulgação de sua obra, tendo em vista que atua como diretor tanto em documentários quanto romances, todos eles voltados para um tratamento problematizante da ocupação nazista em seu país como *Franz + Polina* (ADAMÓVICH, 2006).

Nesse sentido podemos matizar em alguns tons a crítica de Orlando Figes a respeito de Adamóvitch, que teria sucumbido a sua própria voz perante a fala de seus interlocutores (FIGES, 2016). O que vemos é algo diferente, mas uma continuada busca por experimentos de escrita a respeito da história de todo um tempo, atuando em várias áreas do saber desde o jornalismo, passando pela memorialística e chegando aos romances. O papel do autor como protagonista assumido por Xinran, com seu intimismo, é formado por uma escola multifacetada de autores que encontraram em Svetlana Aleksiévitch sua porta voz mais divulgada.

Ganhadora do prêmio Nobel de Literatura em 2015, ela deixa claro que toda sua obra é devedora de *Eu venho de uma vila em chamas* (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 11). Em seus livros encontramos uma série de relatos que buscou ao longo de intensas pesquisas, abordando desde

a presença feminina na Segunda Guerra quanto a queda do império soviético. Ela se aproxima de Xinran ao reafirmar espaços de intimidade para com seus informantes, porque passa

Muito tempo sentada em casas ou apartamentos desconhecidos, às vezes o dia inteiro. Bebe-mos chá, experimentamos blusinhas recém-compradas, discutimos cortes de cabelos e receitas. Olhamos juntas as fotos dos netos. E então... Depois de certo tempo, nunca se sabe quando nem por quê, de repente chega aquele esperado momento em que a pessoa se afasta do cânone – feito de gesso e concreto armado, como nossos monumentos – e se volta para si. Para dentro de si. Começa a lembrar da sua vida... É preciso capturar esse momento. Não deixar passar! (ALEKSI-ÉVITCH, 2016, p. 14).

Dessa forma sua escrita ganha uma conotação sentimental muito forte, aflorando exposições que demonstram fraquezas, silêncios, momentos de choro e etc. A hibridização que esses autores experienciam nos seus trabalhos cotidianos não cindem apenas as fronteiras das ciências, saberes, mas ampliam os métodos de exposição da escrita ao trazerem razão e emoção lado a lado nas análises. Longe de causar qualquer prejuízo na compreensão das obras, aumentam as possibilidades de dimensões abertas para as leituras.

Mesmo de um campo onde a redação científica é cobrada como um mantra, com todas as suas normas, um grupo de pesquisa heterogêneo vem questionando a historiografia com alguns debates que se encontram com o que foi levantado pelos analistas até aqui discutidos. Se aproximam muito de Xinran no que diz respeito ao protagonismo do autor, porque se colocam dentro do conjunto produtivo de uma história pública.

Esse grupo atua sob a liderança de José Carlos Sebe Bom Meihy, que já está no meio da historiografia brasileira desde a década de 1970, tendo várias pesquisas dentre as quais citamos a de Suzana Lopes Salgado Ribeiro. A introdução deles aqui é que textualmente a escrita que promovem coloca no centro do texto a relação entre pesquisador e entrevistado, tendo em vista que trabalham com entrevistas. O tom individual da narrativa, que foge dos padrões técnicos da academia, fica expressa quando Ribeiro traz a fala de Wanderléia, uma líder do movimento de trabalhadores rurais brasileiro.

Nascida no Rio de Janeiro, morava em Japeri e, antes do movimento, era doméstica e seu marido estava desempregado. Ele saía de casa pela manhã e voltava somente a noite, com fome, sem respostas. Conta que viviam no aperto econômico, mas quando “já estava em pânico”, um vizinho lhe falou do movimento e lá se sente

Gente no Movimento, me sinto EU, antes não me sentia nada. Não tinha prazer para nada... Agora não, me sinto uma pessoa importante no Movimento. Eu não tenho como explicar!... O sangue do MST corre na minha veia. Aqui na marcha a gente reparte. No nosso acampamento é repartido tudo, pode ser um quilo de arroz, um quilo de fubá... (RIBEIRO, 2007, pp. 128-129).

A reafirmação de uma identidade autônoma, com sua autoestima restaurada, é narrada por Wanderléia como sendo travada dentro da sua atuação comunitária junto ao Movimento dos Sem Terras. A entrevista utilizada por Suzana Ribeiro adentra na tese como parte integrante

do desenvolvimento da pesquisa, ou seja, sem cortes e com consentimento coparticipativo entre ambas. Trata-se, portanto, de um método de abordagem historiográfica híbrida, que dialoga tensamente com a discussão levantada por Xinran e outros autores a respeito do protagonismo do autor, que traz o outro para as investigações. São palavras que ainda causam estranhamento ao jornalismo e demais ciências sociais como corresponsabilidade, intimidade e coparticipação entre autor, pesquisado e leitor nas análises promovidas.

Os contextos de mudanças

Uma característica dos textos de Xinran é sua tentativa em captar as mudanças aceleradas que a China passa, sobretudo no que diz respeito aos costumes e relações sociais. Mesmo que sua escrita tenha um sentido ágil de promover no leitor rápidas compreensões sobre aquilo que narra, explicando de maneira didática os contextos, ela parece ser engolida por essas próprias transformações. Isso fica evidente no seu *Testemunhas da china*, lançado em 2008 e cujo objetivo é tornar ainda mais evidente os conflitos que tais modificações geram.

Nele fala de uma visita que fez ao planalto tibetano em 1981, procurando conhecer aquela que seria a maior prisão do mundo com cerca de quinhentos mil condenados, vigiados por aproximadamente cinquenta mil soldados do exército. Sua informante era a professora Sun, que com essas mais de meio milhão de pessoas ergueram Shihezi, a capital provincial Urunqi e uma zona urbana movimentada, próxima das fronteiras com a Mongólia, Rússia, Cazaquistão e Quirguistão. Podemos acompanhar que as modificações de todo esse lugar podem ser enquadradas em dois grandes tipos aqui escolhidos: as educacionais e materiais.

A professora e seu companheiro, chamado pela autora só como ‘marido de Sun’, disseram que por volta de 1962 a vizinhança era tranquila. Mesmo sabendo que ali residiam os condenados pelo regime, não eram pessoas más e todos se tornaram camaradas próximos. O mais importante é que cuidavam da educação das crianças, testemunhando “a escola se desenvolvendo a partir do nada no deserto de Gobi!”.

Quando da visita de Xinran esse lugar chinês ainda era muito inóspito, ela e sua equipe passaram em um vilarejo residencial do Batalhão 148, que contava com pouco mais de trezentas famílias. Elas compartilhavam apenas uma cisterna pública e apenas um único banheiro comunitário, que aglomerava longas filas de espera (XINRAN, 2009, pp. 60-87).

Os investimentos estruturais e educacionais se acentuaram, tanto que em 1995, a Universidade de Medicina dos Trabalhadores abriu em Shihezi suas duas primeiras turmas, o crescimento populacional se avolumou e antigas relações foram deixadas de lado. Até mesmo a vigilância à Mao Tsé-Tung, vista por alguns como benéfica, foi sendo abandonada como conta um antigo membro do batalhão:

No tempo do presidente Mao, o batalhão era um grande coletivo, não pertencia a apenas uma ou duas pessoas. O que era seu, era meu, era de todos. Ninguém podia ter mais nem menos que os

outros. Hoje o negócio piorou; o dinheiro nublou o céu e nós, cidadãos comuns, não conseguimos ver o que eles estão tramando lá em cima. Na época do presidente Mao, os oficiais vinham nos perguntar como estávamos – eram muito prestativos –, mas e agora, quem vem para olhar por nós? (XINRAN, 2009, p. 96).

Parece que tudo foi ficando maior, mais complexo e impessoal. Até mesmo a vigilância maoísta, entendida como uma preocupação legítima e comunitária pela testemunha, cedeu lugar para os recursos monetários da China contemporânea. Shihezi e Urunqui fazem parte do chamado Grande Oeste, dominado pelo deserto de Gobi e ancestralmente inóspito. Toda uma geração de ocupantes chegou na década de 1960, trabalharam em prol da educação de seus filhos, estruturaram cidades e vilas inteiras dentro de padrões urbanísticos modernos como ruas pavimentadas, abertura de grandes aeroportos, estradas com várias vias e demais equipamentos.

O que se percebe nos relatos é que uma das zonas menos desenvolvida da China aparece como um milagre econômico e educacional, acompanhando de certa forma o restante do país. As mudanças nessas áreas captadas por Xinran expõem as alterações provocadas nas relações sociais, que vão aderindo aos modos de vida impessoais de grandes centros urbanos. Nesse sentido, uma breve passagem pelas vistas e notícias disponíveis nas mídias demonstram que tanto uruhezi quanto Urunqui cresceram vertiginosamente. A primeira deixou para um passado não tão distante sua paisagem de vila interiorana, tornando-se uma pequena cidade planejada, enquanto a segunda apresenta-se como uma metrópole em meio ao deserto (VERBETE URUNQI/SHIHEZI, 2020).

Chama a atenção que aquela que deveria ser a maior prisão do mundo, habitada por condenados dos mais variados tipos, quebra os paradigmas e Xinran demonstra essas condições. Uma delas, acrescentamos, está no alto índice de alfabetização encontrado em Xinjiang. Urunqi é a capital dessa província, que está em oitavo lugar no que diz respeito a esses números dentro da China, se colocando, também, com bons índices de qualificação no ensino superior (TEXTOR, 2020). Essas são contribuições de pessoas, nos seus cotidianos, que vão mudando espetacularmente esse país em várias direções. O crescimento populacional chinês e seu controle são debatidos com certa profundidade, mas os impactos educacionais e das estruturas materiais da urbanização ainda são temas a serem levantados, sobretudo num grande processo de democratização interna que passa o país. Xinran diz que,

Embora quase cinquenta anos tivessem se passado desde a ‘Libertação’ do país por Mao, os chineses não haviam ainda conseguido escapar da sombra de três milênios de totalitarismo imperial e de um século XX de violência e opressão caóticas, a ponto de se permitirem falar livremente, sem medo das punições do regime de turno (XINRAN, 2009, p. 22).

Percebe-se, portanto, que essa é uma avaliação das consequências possíveis dessas duas grandes mudanças estruturais, que somadas com outras vão acentuando a urbanização chinesa. Os passos dessas sociedades rumo aos processos de libertação da fala passam, sobretudo, pelos seus ganhos materiais e educacionais. Esses, porém, devem lidar com uma questão pertinente

e que será a base da economia mundial do século XXI, o consumo daquelas populações. Uma preocupação recorrente da autora é que uma cultura consumista tem assumido proporções desenfreadas no país asiático e toda uma nova geração está crescendo, ao menos para uma parcela, sem limites sobre o que consumir.

Ela entendeu esse exagero consumista quando visitou a conhecida cidade, polo do turismo, de Harbin em 2010. Ali, nas margens do rio Songhua, presenciou uma cena que a compreender aquela cidade e um dos aspectos da sociedade chinesa em aceleradas mudanças. Viu uma conversa de seis pessoas, aparentemente de três gerações da mesma família, observando uma ‘criança preciosa’, que dizia “Mamãe, me compra o rio!”, “Mamãe, eu quero o rio, me compra o rio!”, repetia determinadamente.

A mãe da preciosa dizia que não tinha como comprar um rio tão grande, mas as pessoas mais velhas do grupo a repreendiam dizendo que “não é que você não tenha condições de comprá-lo, é que não é possível comprá-lo”. Outra pessoa foi mais incisiva, pedindo para não perturbar a criança, pedindo apenas para dizer que o rio seria comprado quando ela fosse grande.

Uma breve discussão se seguiu no sentido de se era necessário ou não ensinar a pequenina se ela acreditaria ser possível comprar tudo e, após um tempo, a fórmula, portanto, para elaborar uma resposta convincente àquela pequena nobre tinha sido encontrada. Uma que não abalasse seus impulsos de consumo a respeito do rio e de qualquer outra coisa que viesse a querer, daí todos que discutiam em voz baixa, ficaram em silêncio, “como se escutasse um edito imperial. ‘Então, quero comprar uma estrela no céu’, a menininha exigia em sua voz balbuciante” (XINRAN, 2017, p. 15).

Aquela cena é uma parte das experiências de indivíduos executando a construção de um contexto maior, onde são partes preponderantes e determinantes para o próprio desenvolvimento do comércio global. Tanto é assim que os analistas econômicos espalhados pelo mundo, com suas locuções imperativas, oriundas de análises de um suposto mercado determinista, demonstram uma preocupação acentuada com os investimentos estatais chineses e, sobretudo, com as taxas de consumo individuais de sua população. Tanto é assim que assistem com bons olhos o aumento real dos salários no país asiático e como isso garantiu crescimentos de mais de seis por cento no produto interno bruto em 2015 (SILVA, 2015, p. 79).

Não é preciso muito esforço para verificar que esses mesmos analistas apregoam o arrocho salarial, flexibilização das leis trabalhistas, e demais precarizações no Brasil, atuando assim para fortalecer esse movimento de fortalecimento imperialista da China na economia, mas isso é assunto para outros textos. Voltando a Xinran, ela constatou que muitos chineses privilegiados focam seus interesses de consumo nas marcas mais proeminentes do mercado, sobretudo aquelas famosas. Isso somente amplia a qualidade de sua análise, porque deixa mais às claras o porquê dos economistas se interessarem tanto no fortalecimento do consumo chinês.

Mas ela introduz um elemento crucial de sua própria interpretação desse processo de compreensão dos padrões de consumo, que é a oposição que faz entre um ocidente idealizado, com características altruístas e que fortalecem iniciativas pessoais de desprendimento do mer-

cado, com um foco nas autonomias pessoais de cuidado ambiental como asseio, lavar louça ou se locomover em transporte público. Em contraponto temos os chineses consumistas desenfre-ados, como os que viu em algumas famílias sino-ocidentais, onde

[...] o lado chinês constantemente adverte seus familiares ocidentais: ‘Se não usar roupas de marca, você vai passar vergonha’. Meus amigos ocidentais volta e meia me perguntam: ‘Por que os chineses dão tanta importância à reputação? Não seria isso uma maneira culta, porém sem refinamento nem civilidade, de interagir polidamente, ou seja, apenas uma máscara falsa?’ (XINRAN, 2017, p. 191).

A lógica presente na observação é quase que mecânica: se os chineses casados com ocidentais expressassem seus desejos de consumo por marcas famosas com mais elegância, dominando uma linguagem culta adequada aos altos padrões sociais, poderiam continuar com seus anseios sem qualquer repreenda. Nessa jogo de confrontos, opõe, ainda, o individualismo ocidental, com seus incentivos a meritocracia, ao corporativismo chinês impregnado nas gerações de filhos nobres do regime comunista. Elabora esse quadro quando fala de Cintilante, uma garota que é neta de um parente de Mao Tsé-Tung e que era, até 2015, o último fundador vivo do Partido Comunista da China.

A moça crescera em um mundo onde tudo lhe era permitido, mas tinha o que queria em suas mãos através de serviços disponíveis a tempo e a hora indeterminados. Quando passou por um estágio nos Estados Unidos, percebeu que consumia, por exemplo, qualquer refeição pronta de supermercado sem questionar e, após certo período, sentia falta de ser servida por sua mãe. Contou a Xinran, que a despeito de toda sua vida ter vivido na China, os dois anos convivendo com norte americanos foram os que mais lhe ensinaram sobre uma vida autônoma, onde de fato aprendeu “a engatinhar e então caminhar!” (XINRAN, 2017, pp. 235-237).

Xinran parece esquecer que esse corporativismo se aplica no ocidente também, porque os herdeiros ricos já formam castas de gerações com seus grupos de ajuda mutualista, promovendo incentivos internos e reprodução parental de suas riquezas¹. Isso não é um mérito chinês nem ocidental, mas um contexto global de fortalecimento daqueles que dominam as propriedades dos grandes sistemas do capital. Quando iniciamos essa sessão, foi anunciado que problemataríamos algumas questões envolvendo as aceleradas transformações da China e como Xinran lida com elas em seu texto. Após alguns temas, ela produz escritas que se esforçam magistralmente para dar conta desses movimentos, por mais acelerados que sejam. Suas contradições mais marcantes se avolumam e vão ser tratadas, em outras temáticas, logo a seguir. Ficamos, contudo, com a observação de que:

1. Há diversos textos noticiosos sobre como herdeiros de ricos podem ser altruístas, ‘colocando a mão na massa’ e outros simples aproveitadores. Em ambos os casos, vão permanecer na classe onde nasceram. Algumas dessas reportagens: <https://www.brasildfato.com.br/2020/03/30/artigo-empresarios-mais-ricos-do-brasil-ignorancia-cinismo-e-ganancia-que-matam/>; <https://exame.com/negocios/5-herdeiros-que-se-preparam-para-tocar-negocios-bilionarios/>; <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/05/entenda-a-diferenca-entre-bilionarios-inovadores-e-herdeiros.shtml>. Acessados em 24 de setembro de 2020.

A evolução em todo o país – desde o crescimento estratosférico da economia à transformação da sociedade, bem como os novos, incessantes e surpreendentes avanços nas relações interpessoais – produziu uma sociedade que está se modificando numa velocidade nunca antes vista. Tudo na China – pessoas, fatos e objetos – tem estado tão inquieto que temos a sensação de que está se fragmentando na velocidade da luz. Sei que, se não cuidar da minha ‘formação’, vou ficar suspensa no tempo e no espaço daquilo que meu filho chama de ‘a China antiga’ (XINRAN, 2017, p. 11).

Contradições

Uma contradição flagrante no texto de Xinran é quando apresenta a política de filho único da China, que por um lado foi instituída ao longo da década de 1970, mas, por outro, existe como uma tradição no país há muito mais tempo no que diz respeito ao assassinato de meninas quando nascem. Ela se fundamenta em um costume arraigado nas regiões agrárias do país, de que os sucessivos governos chineses somente destinam uma determinada quantia de ração em comida e porções de terras se a família tiver filhos homens. Meninas não somam nessa hora de distribuição.

Em plena última década do século XX aquele sistema de distribuição, que privilegiava as famílias com filhos homens, já tinha mais de dois mil anos de existência e ainda era muito comum. Sua longa manutenção atravessou governos dinásticos e chegou ao período republicano, sendo um dos alicerces da política oficial de filho único dos tempos comunistas (XINRAN, 2011, p. 58).

A questão é que ao mesmo tempo em que apresenta casos que marcaram vidas inteiras, sendo tocantes por suas narrativas brutais, ela tenta justificar a prática desculpando seus executores. Numa certa palestra que proferiu, ouviu a seguinte pergunta de Guihua, uma estudante, “Xinran, quando fala sobre a encruzilhada da mulher chinesa, há uma questão em que você não tocou. Eu gostaria de saber o que você sabe sobre o fenômeno do infanticídio?”. A pergunta lhe causou espanto, se perguntando se aquela garota chinesa havia mesmo dito, em inglês e numa palestra justamente em Cambridge naquele ano de 2005, a palavra infanticídio. Como poderia usar esse termo, naquela língua e lugar, para se referir a essa prática?

Em resposta disse que a estudante tinha testemunhado uma verdade sobre a China, um fenômeno de ignorância cultural. Contou que ao longo de sua trajetória como jornalista viu várias meninas serem afogadas quando nasciam, outras que foram abandonadas, que não tinha segurança para abordar essas questões e, que sendo franca, tinha medo de se abrir para essas memórias assustadoras e dolorosas, porque o “impacto dessas histórias enfraquece com a passagem do tempo” (XINRAN, 2017, pp. 284-285). Conclui seu argumento se dirigindo diretamente a Guihua, perguntando se o irmão mais velho dela havia nascido após a política de filho único, ouvindo logo em seguida um sim e afirmando que:

Tenho certeza de que, no que diz respeito à sua mãe e ao seu pai, o filho deles foi o único broto da família. Se seu irmão não tivesse um filho, não haveria ninguém para queimar incensos para

eles depois que morressem, e a linhagem familiar seria interrompida, certo? Já lhe ocorreu que você só sobreviveu porque seus pais tiveram seu irmão? Senão... (XINRAN, 2017, pp. 286-287).

Então, é possível que podemos ir deixando essas histórias de lado porque com o tempo elas vão sendo esquecidas, a memória irá tratar de deixá-las em algum recanto escondido e que as meninas que sobreviveram ao infanticídio, no fundo, deveriam agradecer a seus irmãos mais velhos. Aliás, para ela, o próprio termo infanticídio não se aplica nesse caso, já que se trata de uma imposição estrutural, ou seja, os pobres aldeões da China rural não teriam como reagir, então não poderiam ser julgados dessa forma.

Essa tentativa de desculpar um costume antigo, tradicional, arraigado nos meios populares, para usarmos um jargão comum, estava presente no historiador inglês Edward Phalmer Thompson. Como Xinram, ele procura fugir de um julgamento historiográfico a respeito da venda de esposas na Inglaterra do século XIX. Os dois não cometem anacronismos, sobretudo Thompson, que até delimita os constrangimentos sentidos pelas inglesas da época, ou seja, não transpondo para o passado seus sentimentos contemporâneos. Acontece, porém, que procura minimizar o contexto a partir de duas perspectivas.

A primeira é uma metodológica e mais direta. Ele pretende entender como a venda de esposas vira um clichê, que estabelece um estereótipo sobre os casos transformando-os em um ‘exemplo melancólico de abjeta opressão feminina’. Seria essa visão estereotipada, esse problema de descrição adjetivante a respeito de um costume que deveria merecer a sua atenção, e não o fato de que algumas esposas ‘eram ocasionalmente vendidas’ (THOMPSON, 1998, pp. 306-307).

Essas mulheres eram vendidas em mercados públicos, levadas até o local da negociação puxadas pelos maridos com uma corda amarrada ao pescoço, passado por um processo de exposição pública e, quase que certamente, com sessões de violência privada precedentes. Aqui chegamos a sua segunda perspectiva, que é nuançada dentro de seus julgamentos. Ele diz que, apesar da violência, esses casos possuem um simbolismo que

não pode ser interpretado apenas dessa maneira, pois a importância da publicidade da praça do mercado e da ‘entrega’ por uma corda também introduz nas evidências assim fornecidas o fato de que os três interessados concordavam com a troca. O consentimento da esposa é uma condição necessária para a venda. Isso não quer dizer que o consentimento não pudesse ser obtido sob coerção (THOMPSON, 1998, p. 323).

A análise não esconde as violências que as mulheres passavam, mas introduz uma desculpa ao costume, porque soa que as mulheres participavam de todo o esquema por sua vontade. Mesmo que essa fosse em sua origem fruto de uma decisão coagida, as mulheres são tratadas como partícipes e não vítimas. Se fossem entendidas como vítimas, o costume ia ser posto por terra, mas não é esse o objetivo de Thompson. Sem falar que, nas entrelinhas, está claro um compromisso de gênero entre homens, que ultrapassa épocas, classes e demais barreiras que possam ser alinhadas.

Xinran comete o mesmo equívoco analítico ao tentar desculpar uma prática tradicional violenta e assassina, mas cai em contradição. Ela mesma demonstra que dentro da China existem fraturas que expõem os horrores dessa estrutura social mais global, que afeta dramaticamente vidas de mães, meninas e diversas pessoas envolvidas nas muitas derrotas cotidianas que são os assassinios dessas bebês ao nascerem. Em 1989, quando fazia uma reportagem na área montanhosa de Yemeng, presenciou um parto e, antes do nascimento da criança, o policial que a acompanhava levou-a para um canto e lhe alertou que ali eles faziam “as coisas de um jeito diferente”. Pediu a ela que não fizesse mais perguntas, senão ele teria problemas com seus superiores (XINRAN, 2011, p. 56).

O policial sabia do que se tratava e não justifica a cena que segue, só pede cautela para Xinran não o expor aos seus superiores. Deixa claro que não concorda com o que vai ocorrer, mas também não pode intervir porque precisa do emprego. O chefe da aldeia e o outro policial, que estavam no ambiente, permanecem calados e mortificados (essa foi a expressão usada pela autora para descrever a face daqueles homens). A criança nasce e, no quarto ao lado, uma voz dispara: “Coisa inútil!”.

Esses homens saem e aparece uma senhora, vinda do quarto. Sabendo do espanto da repórter, puxa conversa dizendo que as pessoas da cidade sempre ficam impressionadas quando assistem uma criança sendo resolvida daquele jeito. Logo ao nascer, a menina foi afogada em um balde de água e deixada lá. Xinran reclama que aquela era uma criança viva, ouvindo que “Não era uma criança. Se fosse, cuidaríamos dela, não cuidaríamos?” e conclui: “Por esses lados, não dá para se virar sem um filho homem. Você fica sem ninguém para queimar incenso no altar dos ancestrais. Mas não é só isso. Você não também não recebe a porção extra de terra” (XINRAN, 2011, pp. 56-58).

A conversa continua, os argumentos se desenvolvem no sentido de expor para aquela mulher citadina a necessidade de matar uma menina ao nascer na zona rural. Se aquela ação que não gerasse desconforto, não fosse entendida como agressiva ou que não tivesse qualquer outro problema difícil de ser enquadrado pela limitada linguagem ocidentalizada dessas linhas, aquele drama não seria justificado ou sequer causasse algum sentimento mortificante. Todos ali simplesmente o aceitariam. É notável que em 1989, num recanto rural da China, Xinran expressou seu desconforto para com a prática e que em 2005, diante de uma vasta plateia na Inglaterra, tentou justificar aquele contexto, recordando-se da necessidade dos homens e somente eles poderem acender os incensos para seus ancestrais. Esses lugares de fala, separados por dezesseis anos, tornam evidentes, também, uma defesa do modo de vida chinês perante o ‘outro’ ocidental. Mas essa defesa simplifica as diferenças sociais dentro daquele país, não questiona dilemas profundos, diferente do que outros autores fazem.

Uma correlação do infanticídio de meninas na China pode ser feita com a circuncisão clitoriana realizada em vários países africanos, que foi analisada pelo estudioso queniano Nugu-gi Wa Thiong’o em *Sonhos em tempo de guerra*. Diferentemente de Xinran, Thiong’o não poupa críticas aos métodos de tratamento das mulheres pelas tribos quenianas, sobretudo no que diz

respeito às violências domésticas como aquelas sofridas por sua mãe. Certa vez seu pai passou a roubar a produção das lavouras dela e, quando esta tentou resistir ao abuso, foi gravemente espancada. Essa e outras recordações sobre as violências contra as mulheres são questionadas pelo pensador, que não justifica essas agressões e nem os casos de circuncisão feminina que atravessam os costumes cristãos, muçulmanos e das religiões tradicionais de seu país.

Sobre isso afirma que o grande erro do Estado neocolonial inglês não foi enfrentar o problema em si e seu arraigamento cultural, mas tratá-lo em meio a repressão imperialista desde a década de 1920. Toda a legislação que coibia a circuncisão vinha sempre acompanhada como adendo de outras proibições, como sanções a filiação em partidos políticos, ou seja, a população associava essa questão a uma determinada ótica repressiva do colono europeu. Com essas atividades falidas, somente os próprios quenianos, como aqueles filiados a Igreja Ortodoxa Afro-Americana, é quem levaram a discussão a sério, começando a debater as tendências negativas daquela tradição e incentivando mudanças de hábitos em prol do fim da circuncisão (THIONG'O, 2015, pp. 95 e 112-113).

Na trajetória de vida de Xinran mesmo encontra-se um episódio em que ela está inserida em uma dessas derrotas cotidianas da política de filho único, onde experimentou como as mulheres chinesas expõem essa dura realidade. O cenário, por sua vez, já não era mais uma zona rural erma, mas o movimentado centro urbano de Pequim em 1990 e a narrativa exemplifica seu tom geral, que de certa maneira mantém uma conflitante relação de estranhamento para com os costumes de seu país.

Isso se dá porque *Mensagem de uma mãe chinesa desconhecida* é de 2010, cinco anos após sua fala diante da plateia inglesa, é volta-se para um conjunto de histórias duras como a que experimentou a partir de uma manhã, quando ia para seu trabalho numa determinada rádio. Era apresentadora de um noticioso noturno. Vindo em sua bicicleta, parou numa multidão e viu as pessoas olhando uma menina recém nascida, tecendo comentários como “Deve ser uma menina. A mãe decerto queria que ela vivesse, senão teria jogado na privada” e outros mais. Após uma análise das condições gerais da criança, constatou-se que estava viva e muito roxa.

Xinran não esperou muito, pegando a criança em seu colo e a agasalhando em seu casaco. Deixou avisos de que chegaria tarde no trabalho e saiu dali correndo para algum hospital, pensando mesmo se a criança iria sobreviver. Na recepção, a enfermeira questionava se o bebê era dela, se possuía a certidão de nascimento, caso contrário não seria atendida. Desesperada, mostrou a pequenina em riste, pedindo ajuda e ouviu:

Sinto muito, mas sem uma certidão de nascimento não podemos fazer o registro de entrada. E se não tem registro, nenhum médico vai tratá-la. Eles recebem bônus de acordo com o número de pacientes registrados! (XINRAN, 2011, pp. 69-71).

Um debate acalorado começou entre a repórter, com uma bebê no colo, e aquela enfermeira. Aquela dizia que faria uma reportagem e esta, repetia que os médicos não poderiam ferir o regulamento. A discussão chegou a um termo, a bebê foi atendida e ela pôde, enfim, voltar a

rádio. Diante do microfone, começou a contar sua experiência daquele dia, quando uma chamada telefônica insistente faz a produtora da emissora lhe chamar. Quando atende, escuta do outro lado da linha a mãe da filha que tinha resgatado.

Ela agradecia muito, falando que não tinha tempo e pedia para que sua bebê fosse bem agasalhada. Relatou que seguiu Xinran de longe até o hospital, pedindo para disse a sua filha que sentia muito. Nos dias seguintes voltava sempre que podia para o hospital, a pequenina estava sendo bem cuidada a tal ponto que tentou ajudar monetariamente o médico, que não aceitou dizendo “Temos um monte de pacientes ricos. Que eles paguem um pouco mais para cobrir o tratamento da bebezinha” (XINRAN, 2011, 76).

Ela mesma demonstra que não há uma tolerância tranquila para a matança de meninas recém nascidas na China, porque a análise narrativa que faz demonstra experiências como a dela, que procuram resistir cotidianamente a essa grave questão. Trata-se aí de um caso, que não é isolado e se estende por redes de alianças circunstanciais, como a que fez momentaneamente com aquele médico. O mesmo Thompson, que adere a um negacionismo de crítica a certos padrões culturais britânicos, motiva leituras que podem ser enquadradas aqui para teorizarmos Xinran.

Em um livro teórico de fôlego, ele se pergunta se é possível estabelecer uma correspondência entre um modo de produção e processo histórico? E responde que sim, porque é através do termo experiência que passou a entender que as pessoas atuam no mundo em que vivem, não com autonomia total, mas com seus interesses dentro de situações determinadas (THOMPSON, 1981, p. 182). A correspondência com Xinran é também possível, porque mesmo entrando em contradições pontuais, ela demonstra que o infanticídio de meninas é uma tradição determinante na China, mas que conflita com diversas ações de resistência, motivadas por interesses contrários a esse sistema de regras.

Considerações finais

Uma investigação preliminar, provisória e com vistas a ser uma breve contribuição sobre as leituras possíveis a respeito de Xue Xinran não se conclui, apenas indica-se caminhos. Assim, o papel que assume ao se colocar como uma autora protagonista pode ser, nesse sentido, uma sugestiva ação para as ciências humanas, sobretudo no que diz respeito a questão da intimidade entre autor, pesquisado e leitor, fugindo dos parâmetros de parcialidade ou neutralidade tão em voga nesse meio.

As sensíveis sugestões interpretativas para os fenômenos estruturais chineses são, também, alguns caminhos importantes, principalmente quando procura focar casos particulares em meio a um país superpovoado. A despeito da oposição que faz entre um ocidente idealizado, imerso em uma suposta reafirmação de um indivíduo desprendido do mercado, em oposição ao chinês completamente dependente deste, seu olhar permanece questionador.

Isso porque, mesmo soando um tanto parcial, ainda procura defender a China e seus

fazeres culturais de visões externas pejorativas. A desculpa que sugere nas problemáticas sobre o filho único é um exemplo disso. As histórias que conta em seus livros são frutos dos problemas sociais, embates individuais e dilemas culturais vivenciados por pessoas nos mais variados espaços chineses. Tecendo escritas tão tortuosas, Xinran, com seu protagonismo participante, é uma referência para o jornalismo, historiografia e demais ciências humanas.

Bibliografia

ALEKSIÉVITCH, Svetlana. **A guerra não tem rosto de mulher**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

ADAMÓVICH, Ales. **Khatyn**. Londres: Glagoslav Publications, 2012. (Originalmente de 1971).

_____; BRYL, Yanka; KALESNIK, Uladzimir. **Out of the fire**. Moscou: Progress Publishers, 1980. (Originalmente de 1977).

_____. **Franz + Polina**. 1h58 mins. Bielorrússia, 2006. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VCFcqglH9J8>. Acessado em 26 de setembro de 2020.

CASTILHO, Carlos. **A polêmica do jornalismo na primeira pessoa**. 08 de agosto de 2005. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/jornal-de-debates/a-polemica-do-jornalismo-na-primeira-pessoa/>. Acessado em 24 de setembro de 2020.

DANTAS, Valná Souza. **Representações conflitantes: a imagem da mulher chinesa na Revolução Cultural**. Dissertação de mestrado apresentada ao programa de Pós-graduação em Sociedade, Tecnologias e Políticas Públicas do Centro Universitário Tiradentes. Maceió: UNIT, 2019.

FIGES, Orlando. **A nova história de Svetlana Aleksievitch: um quadro sombrio da Rússia contemporânea**. Novembro de 2016. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/a-nova-historia-de-svetlana-aleksievitch/>. Acessado em 26 de setembro de 2020.

FRANCO, Carla Daniela Kons. “Enterro celestial”: devoção e amor. In: **Revista Brasileira de Direito Internacional**, Curitiba, v. 06, n. 06, pp. 116-128, jul./dez. 2007.

FREITAS, Ramon dos Reis. A imagem da China refletida nas páginas da revista *Época*. In: **XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste-Ouro Preto – MG. UFOP, 28 a 30 de junho de 2012**. Anais eletrônicos do Congresso Intercom Sudeste 2012. São Paulo: Intercom/Universidade Federal de Ouro Preto, 2012.

GALVÃO, Vanda Késsia Gomes. **Entre(vista) oriente e ocidente: Xinran Xue e Revista Veja – discurso cultural versus discurso econômico, em comum anti-comunismo**. Monografia de graduação apresentada ao curso de Comunicação Social da Universidade Estadual da Paraíba. Campina Grande: UEPB, 2012.

KANNO, Jéssica Sayuri Mori. “As boas mulheres da china”: uma análise historiográfica a respeito da representação da mulher chinesa na obra de Xinran (1980-1997). In: **Seminário In-**

ternacional Fazendo Gênero 9: diásporas, diversidades, deslocamentos. UFSC, 23 a 26 de agosto de 2010. Anais eletrônicos do Seminário Internacional Fazendo Gênero 9. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2010.

LAGE, Igor. **Reverberações da crise da ciência moderna no jornalismo e a emergência do 'reporter-personagem'**. In: **Anais eletrônicos do Seminário de Estudos sobre o Espaço Biográfico: Desafios da Bioficção**. Salvador: Ed. UFBA, 2018.

RIBEIRO, Suzana Lopes Salgado. **Tramas e traumas: histórias de vida e identidades em marcha**. Tese de doutoramento apresentado ao Programa de Pós Graduação em História Social da Universidade de São Paulo. São Paulo: FFLCH/USP, 2007.

SILVA, Luís Afonso Simoens da. Desafios ao crescimento da China e implicações das alterações recentes na sua política cambial. In: **Boletim de economia e política internacional**. IPEA, Rio de Janeiro, n. 20, pp. 71-85, mai./ago., 2015.

TEXTOR, C. **Education in China: Statistics & Facts**. Disponível em: <https://www.statista.com/topics/2090/education-in-china/>. Acessado em 23/09/2020.

THIONG'O, Ngugi Wa. **Sonhos em tempo de guerra**. São Paulo: Biblioteca Azul, 2015.

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. **A miséria da teoria**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

VERBETE URUNQI/SHIHEZI. Google imagens. Pesquisa em setembro de 2020. Disponível em: www.google.com.br. Acessado em 23/09/2020.

XINRAN, Xue. **As boas mulheres da China**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. (Originalmente de 2002).

_____. **Testemunhas da China: vozes de uma geração silenciosa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. (Originalmente de 2008).

_____. **As filhas sem nome**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Originalmente de 2007).

_____. **Mensagem de uma mãe chinesa desconhecida: histórias de perdas e amores**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. (Originalmente de 2010).

_____. **Compre-me o céu: a incrível verdade sobre as gerações de filhos únicos da China**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. (Originalmente de 2015).

Submetido em: 28/08/2020

Aprovado em: 29/11/2020